

MOACYR DE GÓES (org.)

**DOIS LIVROS DE
DJALMA MARANHÃO
NO EXÍLIO**

Editora

**Prefeitura Municipal do Natal – Edição comemorativa dos
400 anos da Cidade.**

Dedico:

- A José Willington Germano – o primeiro intelectual brasileiro a levar para o âmbito da Universidade a discussão acadêmica sobre a *Campanha De Pé no Chão também se aprende a Ler*.
- A Maria da Conceição Pinto de Góes – mulher e companheira.
- À Cidade do Natal – que ousou ser alegre e feliz nos tempos de Djalma Maranhão e soube chorar a sua perda.
- Aos companheiros.

EM MEMÓRIA:

- De Djalma Maranhão.
- De Dária Maranhão – sua esposa.
- De Luiz Ignácio Maranhão Filho – seu irmão e integrante do Comitê Central do PCB, assassinado pela ditadura.
- De Luís Gonzaga dos Santos – Vice-Prefeito de Natal, preso político, morto num quartel do Exército, no Recife, em 1965.
- De Ulisses de Góes – líder católico, amigo de Djalma Maranhão e seu colaborador quando da instalação do Ginásio Municipal.
- De Vulpiano Cavalcanti – líder comunista, meu companheiro de prisão política, em 1964.

AGRADEÇO:

- À Prefeita Vilma Faria – que, ao promover a edição deste livro, dá voz a Djalma Maranhão, nas comemorações oficiais dos 400 anos da Cidade do Natal.

- A Isaura Rosado Maia e Omar Fernandes Pimenta – que apoiaram essa decisão da Prefeita.

- A Marcos Maranhão e Mailde Pinto Galvão – pela confiança em me transferir para estudos, os arquivos de Djalma Maranhão.

- A Roberto Monte, Coordenador da Comissão de Direitos Humanos do Rio Grande do Norte – pelo acesso aos arquivos fotográficos da instituição.

- A José Roberto Pinto de Góes – pela ajuda nas leituras, interpretações e revisões dos textos de Djalma Maranhão e formatação final deste livro.

- A Beatriz Herédia - pela revisão de textos em espanhol e a Amandio de Jesus Gomes – pelo apoio na minha luta aos desafios do computador.

ÍNDICE GERAL

1. – Dedicatória.
- 2 – Agradecimentos.
- 3 – Apresentação.
- 4 – Uma moldura histórica para Djalma Maranhão.
- 5 – *A Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler.*
- 6 – Memórias de 1964.
7. – Documento do Superior Tribunal Militar (STM): *Termo de declarações que presta o Indiciado Djalma Maranhão.*

APRESENTAÇÃO

A verdade é filha do tempo e não da autoridade.

B. Brecht

Por mais de um ano, em tempo integral, estudei os papéis deixados por Djalma Maranhão em seu exílio, em Montevideu. Esses arquivos me foram confiados por Marcos Maranhão, seu filho, e por Mailde Pinto Galvão, guardiã de sua memória. O objetivo era produzir um livro que ajudasse a preservar do apagar do tempo o perfil histórico do Prefeito de Natal, deposto, feito prisioneiro e exilado político do Golpe de Estado de 1964. Isto é, um acréscimo do que já existe em termos de bibliografia sobre o assunto. Agora, com 35 anos de atraso, era a hora de dar voz própria ao ator maior na cena do Rio Grande do Norte, quando da abrilada. Espero ter cumprido a tarefa que me foi confiada. Dei o melhor de mim para isso.

Nesses papéis encontrei dois textos, inéditos, que têm começo, meio e fim. O primeiro, sobre a *Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler*. O segundo, denominado *Memórias de 1964*. Eles constituem o cerne deste livro.

Muitos foram os obstáculos que encontrei: o autor morreu antes de proceder uma revisão de seus escritos e, assim, encontram-se repetições e descontinuidades. Por outro lado, a máquina portátil na qual datilografou seus textos era por demais precária: sua fita às vezes não imprime a palavra ou, então, a escrita escapa do papel, deixando a frase incompleta. Assim, no interesse de ser o mais fiel ao pensamento do autor, quando o texto se mostra ilegível ele é substituído pelo sinal (...). Outra informação: manteve a moeda da época e uma aproximação de sua conversão poderá ser feita a partir do fato que, em janeiro de 1962, um dólar valia oitocentos cruzeiros.

No exercício deste trabalho tive a noção exata das dificuldades de Djalma Maranhão em produzir seus depoimentos político-administrativos para a História: a impossibilidade da consulta aos documentos do período; a falta da discussão com outras pessoas participantes dessa travessia humana para esclarecimentos de determinados acontecimentos e conjunturas; o isolamento abissal do exílio, que é um descolamento da pessoa de sua realidade político-social, e, à exemplo da clandestinidade, é um corte tempo-espaço com a realidade de sua sociedade, o que provoca a refração na leitura dos acontecimentos – daí as profecias feitas no exílio, no final daqueles anos 60, e que não se cumpriram - como a deterioração rápida da ditadura brasileira ou surgimento de um forte movimento político nacionalista capaz de defender nossas fronteiras da internacionalização do capital.

Superando essas dificuldades, Djalma Maranhão nos deixa o legado de um político comprometido com o nacionalismo de esquerda, com o humanismo, com a soberania nacional e a cidadania e de um administrador comprometido com a eficiência e eficácia de políticas públicas voltadas para o bem comum e de defesa dos excluídos sociais. E mais: ele é um homem

público que se pauta por altos padrões éticos e que tem nojo da corrupção praticada em esferas públicas ou privadas.

No curso da organização deste livro carreguei uma preocupação: seria válido publicar, pura e simplesmente, os textos do exílio? A pergunta quem foi Djalma Maranhão? está sendo respondida adequadamente em nossas escolas, universidades, ao homem comum brasileiro que hoje constrói uma outra história? Com a convicção de que não se deveria perder uma oportunidade de reconstruir um tempo, assumi a opção de partilhar com Djalma Maranhão o seu texto e produzi um estudo que chamei de *Uma moldura história para Djalma Maranhão* e que antecede aos dois livros dele: *A Campanha De Pé no Chão também se Aprende a Ler* e *Memórias de 1964*. Nesta *Moldura* trabalhei com o propósito de recriar, em linhas muito gerais, um tempo brasileiro posterior a 1930 e nele inserir o político Djalma Maranhão (procedi a um corte do momento mais alto de sua trajetória: o mandato de Deputado Federal, em 1959 e 60); o administrador Djalma Maranhão (centrado em seu segundo mandato de Prefeito de Natal, 1960-64, quando sua prática, aliada à sua pregação teórica, desvela um político de grande coerência); o homem Djalma Maranhão e sua dignidade face ao desafio do Golpe de Estado de 1964, isto é sua *via crucis*. Encerro a *Moldura* com um toque humano: algumas lembranças pessoais dele, numa convivência diária de doze anos. Pelo menos, neste último capítulo, me foi possível seguir a lição de Álvaro Moreira – *As Amargas, Não*.

Finalmente, devo dizer que nestes tempos de decifração dos textos do Uruguai e da criação de minha própria escrita eu revi, com sofrimento e orgulho, as imagens de Djalma Maranhão que me foram contadas pelos meus cunhados Socorro e Leônidas Ferreira que, em função de uma bolsa de estudos, conviveram com ele em Montevideu por quase um ano. Vejo um líder

político brasileiro sobrevivendo, atrás de um pequeno balcão na porta de uma loja de câmbio, vendendo jornais e revistas de turismo. Em suas mãos está um pequeno rádio de pilha através do qual, inutilmente, ele procura captar as emissoras gaúchas. Os brasileiros que por lá passam dão notícias de sua terra. Aí, seus olhos brilham porque ele fala de Natal, dos amigos, do carnaval, das fogueiras de São João. Manifesta sua indignação porque o povo pobre passa fome e o Brasil baixara a guarda na defesa de sua soberania. Logo volta a falar do sol e do mar de Ponta Negra, de uma charrete que pretende construir para passear na praia, dos preparativos para sua volta. Esse futuro, todavia, não chega. Seu presente é a falta de dinheiro, a saudade, a saúde precária, o isolamento do exílio, o frio, o vento e a chuva de Montevideú. Assim, até o momento de sua morte, ele cumpre a pena de uma condenação ... pelo crime de ter sido um patriota.

MOACYR DE GÓES

Rio de Janeiro, 9 de julho de 1999.



www.dhnet.org.br